

ABISMO LITERÁRIO E HISTÓRICO NA COMPREENSÃO DO PÊNDULO DE FOUCAULT, DE UMBERTO ECO: um viés hermenêutico.

Vanessa Santos de Souza¹

RESUMO: Umberto Eco ficou conhecido pela compilação de obras que recriam o contexto histórico dentro do eixo ficcional. *O Pêndulo de Foucault* (1989), romance posterior ao *O nome da rosa*, corresponde justamente a essa estrutura prolixa, e se caracteriza pelo hermetismo encontrado nos limites entre história e criação, além do respaldo em Teorias Conspiratórias e seguimentos da Cabala para compor a narrativa. Consciente dos aspectos peculiares do livro, o presente artigo se propõe a analisar a referida obra a partir de um viés hermenêutico, cujo *corpus* trata-se da compreensão da obra em si. Para fundamentar a análise, o presente trabalho se embasará na hermenêutica literária, à luz de Richard Palmer (2006), Chirs Lawn (2011), entre outros.

Palavras-chave: Pêndulo de Foucault. Umberto Eco. Compreensão. Hermenêutica.

ABSTRACT: Umberto Eco became known for the compilation of works that recreate the historical context within the fictional axis. *The Foucault Pendulum* (1989), a novel after *The Name of the Rose*, corresponds precisely to this long-winded structure, characterized by the hermetism found in the boundaries between history and creation, as well as the support in Conspiratory Theories and Kabbalah followings to compose the narrative. Aware of the peculiar aspects of the book, the present article proposes to analyze the said work from a hermeneutical bias, whose corpus deals with the understanding of the work itself. In order to base the analysis, the present work will be based on literary hermeneutics, in the light of Richard Palmer (2006), Chirs Lawn (2011), among others.

Key-words: Foucault's Pendulum. Umberto Eco. Understanding. Hermeneutics.

INTRODUÇÃO

Quando nos foi lançado o desafio de escrever um artigo sobre o *Pêndulo de Foucault* (1989) na disciplina de Teoria Literária a primeira coisa que se projetou diante de nós foi a seguinte pergunta: qual será o percurso que devemos seguir para tentar compreender essa obra? Se me permite atribuí-la adjetivos, trata-se de um romance hermético, numeroso fisicamente e por isso mesmo bastante exaustivo, mas sobretudo instigante, no ponto de vista do enredo e do fundo histórico da qual se embasa. Reitero: como compreender o seu texto literário repleto de um contexto quase enciclopédico²? De início, o questionamento me pareceu familiar. Logo associei com a hermenêutica literária e embarquei no mundo de Umberto Eco (ou pelo menos em um desses

¹ Mestre na Universidade Federal do Piauí. Universidade Federal do Piauí. E-mail: vanessateotraj@hotmail.com

² No terceiro capítulo desse trabalho esse "contexto enciclopédico" será aprofundado mediante um breve resumo da obra.

mundos, já que a sua produção literária e historiográfica é imensa). Com base na experiência de buscar a interpretação da obra, de antemão adianto que o *Pêndulo de Foucault* é metade ficção e metade verdade³: fala de Templários, Cabala, rosa-cruzes, física-química-filosofia, arte, seitas, cosmogonia, religião, história, teorias conspiratórias. A obra é aquilo que há entre o que a história e a ciência conseguiram registrar e o enredo criado pelo autor⁴.

As referidas temáticas nos permite inferir que *Pêndulo de Foucault* (1989) trata-se de uma obra da qual podemos extrair diversas análises extra-literárias. Porém, é importante ressaltar que uma análise bem feita advém principalmente de uma boa compreensão. Como veremos a seguir, compreender corresponde a uma atividade cíclica e somática que depende do conhecimento prévio de quem a recebe. Neste interím, o presente artigo se propõe a contribuir para as discussões sobre o círculo hermenêutico em relação ao processo interpretativo, partindo do ponto de vista dessa obra, em que para compreendê-la é necessário pesquisar cada elemento ali lançado. Só assim a interpretação, a construção ensejada através do círculo hermenêutico proposto por Gadamer, se efetiva para uma das compreensões possíveis do romance.

HERMENEUTICA: conceito e história

Antes de partir para análise em si, ou seja, sua compreensão interativa entre leitor/obra/autor, é preciso relembrar algumas definições ou reflexões sobre hermenêutica, bem como sua importância no processo de interpretação de obras. Após, daremos uma breve revisão em sua história para enfim chegarmos ao *Pêndulo de Foucault* (1989) mais familiarizados com a teoria a qual nos propomos a estudá-lo.

³ A narrativa dessa obra trabalha entre a ficção e realidade (ou metade ficção/ metade verdade), no sentido de que se utiliza de aspectos históricos e reais, ou seja, fatos que realmente aconteceram, para compor o enredo e os personagens fictícios. A respeito das relações entre história e literatura, ver mais em: BORGES, Valdeci Rezende. *História e Literatura: Algumas Considerações*. Revista de Teoria da História Ano 1, Número 3, junho/ 2010. Universidade Federal de Goiás. ISSN: 2175-5892.

⁴ O pêndulo de Foucault é um experimento real que foi realizada em 1857 e segue fixada no pátio do teto Panteão de Paris para demonstrar o movimento de rotação da terra (ECO, 1989). O enredo do Humberto Eco se articula a partir desse fato histórico-científico. Ou seja, ora refere-se a uma realidade palpável, ora reinventa algo já existente.

CONCEPÇÕES PRELIMINARES

A Hermenêutica é uma ciência que se destina a estudar os meios pelas quais somos capazes de chegar a interpretação mais profunda dos elementos que compõem o texto, preocupando-se em depreender significados ou decifrá-los para assim aproximar o leitor da obra. Esse processo, segundo Richard Palmer (2006, p. 19), é o que centraliza a questão da hermenêutica: “A hermenêutica é o estudo da compreensão, é essencialmente a tarefa de compreender textos”⁵. Ou seja, a hermenêutica vai muito além. Se ela foca em estudar a compreensão, quer dizer que esse movimento corresponde à materialização do entendimento. Chris Lawn, (2011, p. 21-22) em sua obra *Compreender Gadamer*, pontua:

Seu compromisso com a ideia de que todo o entendimento é interpretação, demonstra que as hermenêuticas estão envolvidas em todos os atos de entendimento, isto é, as hermenêuticas vão além dos limites da interpretação textual. (...) A leitura é interpretação, olhar é interpretação, pensar é interpretação; interpretação não é uma atividade especial restrita à elucidação de textos difíceis, ela é o aspecto de todas as formas do entendimento humano.

Ao afirmar isso, Lawn abre um leque para os limites e possibilidades da interpretação, não as restringindo apenas a atividade hermenêutica. A hermenêutica seria, portanto, uma forma de consolidação, em virtude de uma pragmática e de um método. Sabe-se que existem “hermenêuticas” e que elas atenderão as suas especificidades – hermenêutica jurídica e literária, por exemplo, seguem a base da compreensão, mas referem as suas próprias técnicas interpretativas – possuindo, entretanto, o mesmo objeto: a linguagem. Para Ernildo Stein (2010), a hermenêutica é simplesmente o tratado filosófico da linguagem. É através da linguagem que nos permitimos associar ou identificar fatos ou objetos, conceituá-los, atribuir-lhe nomes, significados e uma variedade de

⁵ Importante frisar que compreender e interpretar são duas atividades leitoras distintas. Enquanto a interpretação preocupa-se em delinear as questões oriundas do texto em si, compreender vai além dele. Em outras palavras, interpretar comporta “essa ideia desvisceração, de retirar as entranhas, de extrair o conteúdo do texto” (JEFFA, 2012, p. 261). Por outro lado, a compreensão não seria “uma ação consciente executada pelo leitor sobre um determinado objeto de leitura; é uma experiência que se vive abaixo da superfície da consciência” (idem, 2012, p. 259). A hermenêutica literária, como veremos a seguir, está mais relacionada com o segundo conceito.

sentidos. Sem a aquisição da linguagem não seríamos capazes de nos enunciarmos e de postularmos mentiras ou verdades. A linguagem é a forma consciente de estar no mundo. Ora, se a linguagem possui um papel tão fundamental na interpretação literária e está ambientada em todos os setores da vida, é natural concluir que ela infere, se impõe, ou até estabelece uma espécie de vagueza a partir do momento em que a pluralidade dos sentidos carrega uma manifestação específica em sua operação psíquica e histórica da sociedade.

Na realidade a hermenêutica é compreensão de si, mediante a compreensão do outro: o máximo de interpretação se dá quando o leitor se compreende a si mesmo, interpretando o texto. (SAMUEL, 2007, p. 81).

Em suma, pergunta-se: qual o sentido dessa obra? O questionamento, embora possa parecer simples, inquietou Gadamer e Heidegger, principais expoentes e precursores do estudo hermenêutico. Todavia, antes deles – mais precisamente na idade média – tinha-se pouco ou quase nada de referência para o sentido das obras. Aliás, é válido lembrar que a hermenêutica se iniciou na exegese bíblica, sendo assim uma teoria que migrou da religião para outras áreas, o que trataremos mais a fundo na secção a seguir.

HISTÓRIA E INTERSECÇÃO

Na idade média a bíblia era de exclusividade da igreja; o padre celebrava a missa em latim e de costas para o público. Nessa época também não existia leitura silenciosa, para que pudesse ter monitoramento do que era lido. Martinho Lutero exigiu então que a bíblia fosse traduzida para o alemão, bem como os fiéis pudessem ter acesso a ela. Com a Reforma Protestante se iniciou a preocupação de como interpretar, mais precisamente os textos bíblicos, já que eles eram repassados sob o viés daquilo que os padres pretendiam alcançar. Martinho Lutero questionava se não havia outras possibilidades de leituras sobre a bíblia. Nascia aí a hermenêutica teológica. Anos mais tarde, com a instauração das democracias institucionais e o movimento do teocentrismo para o iluminismo, legislações foram implantadas na sociedade para regimentar as formas de punições aos homens que infringiam os valores e a moral. Para isso, no entanto, seria necessária a interpretação das bases dessa lei, para que ela não caísse no vácuo ou no erro de sua aplicação – foi quando a

hermenêutica migrou para o âmbito jurídico. Esse processo migratório de necessidades interpretativas atraiu a atenção de Schleiermacher, o primeiro a teorizar a respeito da hermenêutica, embora nunca tenha escrito um tratado sobre esse assunto. Entretanto, sua contribuição se deu na escrita das margens dos livros que lia, e a partir delas podemos depreender algumas observações. Segundo ele, a interpretação pode ser gramatical e técnica, e está sujeita a ocorrências de superinterpretação e interpolação.

A finalidade desta discussão é mostrar que a reflexão de Schleiermacher se dirige ao destaque doutro centro que não o da língua, o centro constituído pela psique do autor. Retomando pois a questão do sentido (*sinn*): se ele não se estabiliza sem confronto com o significado geral, como então fixá-lo, i.e, conseguir interpretá-lo? (...) Schleiermacher responderá: pelo método divinatório. Antes mesmo de entendermos em que ele consiste, ressaltemos que a finalidade do divinatório é evitar a interpolação (*Einlegen*), i.e., impedir que o intérprete empreste ao texto o que originalmente ele não continha. (LIMA, 1983, p. 72).

Como Schleiermacher fala muito sobre técnica, é com Gadamer que a hermenêutica começa a granjear um significado mais filosófico. Gadamer, aluno de Heidegger, foi quem instituiu as primeiras observações sobre a hermenêutica artística, isto é, a partir de Gadamer, a hermenêutica iniciou outro processo migratório. Perceba que até então não havia tradição em interpretar textos literários. Com a religião sendo o centro de tudo, a literatura, ainda em processo de formação histórica, ficava no espaço do entretenimento, e detinha pouco poder ou influência social. Mas com a abertura de novas configurações políticas e culturais da sociedade, a literatura passava a ter igual importância para as pessoas que outrora teve a religião; a literatura, tal outras formas de saber, substituíra os valores do cristianismo em virtude da centralidade do homem. O escritor literário foi visto por muito tempo como um ser divino, não passível a compreensão. A pergunta, portanto, agora se formulava distintamente: como interpretar uma obra literária?

Apesar de esse questionamento surgir só naquele momento, mais precisamente século XIX, sabe-se que Aristóteles já possuía um livro chamado *Da interpretação*, onde a interpretação era definida como enunciação, e *hermeneia* como sendo a operação da mente em formular juízos de valores (PALMER, 2006, p. 31). *Hermeneia* é uma das intersecções significativas da palavra hermenêutica, que surgiu pela primeira vez na antiguidade, devido aqueles que pretendiam entender Homero. Heidegger, em seus estudos, via a filosofia como a própria interpretação de mundo, ou

seja, a aquisição de significados, e relacionava “explicitamente a filosofia-como-hermenêutica com Hermes” (idem, 2006, p. 24). Hermes, etimologicamente falando, significa “aquele a que os deuses confiaram a transmissão de suas mensagens aos mortais” (LIMA, 1983 p. 65). Hermes seria então um mediador de mensagens. Dentro do corpo literário, o hermenêuta é aquele designado a transmitir o significado. Por esta razão, o desafio de enunciar o significado de uma obra é demarcado pelo método de como interpretá-lo, a verdade ali constituída. É onde Gadamer entra na discussão, pois para ele, “a interpretação está situada dentro do horizonte mútuo do intérprete e da coisa a ser interpretada” (cf. BAGGNI & STRANROOM, 2004, apud, p. 100-102). Nesse entremeio, a interpretação assume uma posição dialógica, isto é, aquilo que é pretendido pelo autor em detrimento com a pré-condição histórica do sujeito.

Com Gadamer, portanto, a hermenêutica adquire maturidade. É claro que ela passou por Heidegger e Dilthey, e não devemos, pois, negar as contribuições desses teóricos que antecederam Gadamer. Enquanto para Heidegger compreender inclui a condição existencial do indivíduo, Dilthey, biógrafo de Schleiermacher, abordava uma dicotomia histórico-científica, recaindo-se com maior afinco no caráter histórico da compreensão. Para entender estes conceitos, é preciso lembrar que a hermenêutica, ou a compreensão das coisas, não se detém ao texto escrito, devido ao fato de estarmos em constante atividade hermenêutica.

Interpretamos – por vezes erradamente – uma observação de um amigo, uma carta de familiares, ou um sinal da estrada. Na verdade, desde que acordamos de manhã, até que adormecemos, estamos a interpretar. Ao acordar, olhamos para o despertador e interpretamos o seu significado: lembramos em que dia estamos e ao compreender o significado desse dia estamos-nos já a lembrar do modo como nos situamos no mundo e dos planos de futuro que temos; levantamo-nos e temos que interpretar as palavras e os gestos que temos; levantamo-nos e temos que interpretar as palavras e os gestos das pessoas que contactamos na nossa vida diária. A interpretação é, portanto, talvez o acto essencial do pensamento humano; na verdade, o próprio facto de existir pode ser considerado como um processo constante de interpretação. (PALMER, 2006, p. 20).

Por meio dessa reflexão é que se torna possível enxergar que a hermenêutica com Gadamer ganhou uma dimensão mais filosófica. Gadamer trabalhou com o historicismo, a tradição, o método e principalmente com o círculo hermenêutico, que se trata da relação entre o leitor e o texto, ou do relacionamento entre um leitor e um autor. E para finalizarmos esse resumo da história da hermenêutica, destinaremos o tópico a seguir com algumas observações sobre o círculo

hermenêutico, já que a compreensão do *Pêndulo de Foucault* é um processo que ganha corpo através da relação somática que se dá entre o autor e o leitor, ou do leitor com o texto.

O CÍRCULO EM TEXTO

“O círculo não é necessariamente vicioso, ele pode ser construtivo”⁶. Quando se fala em círculo, o que se pressupõe inicialmente é aquilo que se formula no senso comum, o tal do círculo vicioso. Quando Paul Fry afirma que isso não ocorre necessariamente, ele reitera as proposições de Gadamer sobre o círculo, da maneira como ele corresponde a um padrão de ir e vir, perguntas e respostas, a expectativa do leitor que se reafirma ou se destrói na medida em que a leitura avança. Essa dialética interacional permite que a intenção do autor saia do abstrato e se constitua linguisticamente, uma vez que o texto é tido como o mediador de um significado.

Como a hermenêutica filosófica de Gadamer não trata apenas dos textos, o aproximar-nos da história, o aproximar-nos de temas das diversas ciências do espírito sempre é um perguntar através da interpretação, e receber uma resposta pela compreensão é uma espécie de diálogo de pergunta e resposta. (STEIN, 2010, p. 79).

Por esta razão, Gadamer “atacava” a interpretação objetiva, ainda que o sentido não seja de todo subjetivo. O sentido é uma construção, daí vem a ideia de círculo, no jogo de significados que advém do texto e daquilo que é assimilado e ressignificado pelo indivíduo. Quando Gadamer dá maior ênfase no receptor, isso quer dizer que junto com ele vem toda aquela noção de historicidade na hermenêutica de Dilthey: “o homem é um ser histórico” (PALMER, 2006, p. 121). Assim sendo, o homem irá naturalmente atribuir ao significado conjecturas históricas. Não é difícil condicionar essa afirmação às determinações feitas pelos estudos históricos, de modo como a experiência molda o homem, de que os fatos anteriores a ele são racionalmente dispostos na vida e dotados de sentido. Daí a hermenêutica centrar-se bastante na historicidade e no método, pois como interpretar sem desprezar a temporalidade de uma obra e, sobretudo, do leitor? Tanto a obra quanto o receptor estão sob efeito de contexto. O contexto sempre faz referência à história e a experiência, ao objeto

⁶ A afirmação veio de Paul Fry, professor especialista em Romantismo Britânico, Teoria Literária e Artes Visuais, em ocasião de uma palestra no Campus de Yale ocorrida em 2009. O curso completo está disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=AkM1kgFBYX4&feature=share>.

impalpável que é a vida. E nisso voltamos a questão da circularidade, o embate de ir e vir entre os horizontes do texto e o horizonte do leitor, até então redescoberto e reconstruído a partir das mediações interpretativas.

Não há realmente um verdadeiro ponto de partida para a compreensão, pois toda a parte pressupõe as outras partes. Isso significa que não há compreensão sem pressupostos. Todo o acto de compreensão se dá num determinado contexto ou horizonte; mesmo nas ciências, apenas explicamos em termos de um contexto referencial (...) Visto que compreendemos sempre a partir do nosso próprio horizonte, fazendo este parte do círculo hermenêutico, nada pode ser compreendido de um modo não posicional. Compreendemos por uma constante referência à nossa experiência. (PALMER, 2006, p. 126).

O que Gadamer propõe por fim é que apesar de toda a circularidade ter muito mais do leitor do que se presume na composição do texto, é possível, através do método, alcançar o sentido do texto, a verdade sobre ele, sem exigí-lo de nossas próprias pré-concepções, ainda que isso aconteça. Na verdade, o que Gadamer afirmou em *A verdade e o método* diferencia-se de *O Ser e o Tempo* de Heidegger no sentido de que esse método trata-se mais de um mapeamento realizado do leitor para a obra, e que a verdade aí referida é propositalmente irônica; a verdade ou o inteiro sentido da obra são abstratos, o objeto real, o entendimento, somos nós mesmos refletidos na experiência da compreensão⁷.

COMPREENDENDO A PÊNDELO

Uma das proposições de Gadamer em relação à compreensão de uma obra é que existem dois tipos de preconceitos na leitura: o preconceito bom, representado pelo conhecimento prévio; e o preconceito ruim, que é a conclusão sem reflexão. Quando lemos a parte inicial de um texto, já começamos a conjecturar sobre ela, ou seja, ocorre uma precipitação no processo interpretativo, mesmo que exista um todo significativo adiante. Temos aí o auxílio da imaginação e da suposição para formular etapas interpretativas, mas elas podem estar erradas; a tal imaginação ou suposições preliminares podem perfeitamente nos enganar. Foi o que de imediato aconteceu em relação ao

⁷ Ver mais sobre a referida discussão em: BIZOTTO, Bruno; BERTUSSI, Lisana Teresinha. *Hans Robert Jaus e a Hermenêutica literária*. Letrônica, Porto Alegre, v. 6, n. 2, p. 735-732, jul./ dez., 2013.

Pêndulo de Foucault: pensei em se tratar do filósofo francês Michel Foucault, e por entrar na leitura com esse preconceito prejudiquei minhas predições iniciais. Ao desfazê-las⁸ me propus a enumerar, num esboço, palavras-chave que me designassem um sentido ao pêndulo: imobilidade, raiz quadrada, fio, rotação, circunferência, quatro anos, suspensão, experimento, círculo, pêndulo, fixidez, mensagem secreta, 24h, medida, olhar. Só após de extrair essas palavras-chave é que *compreendi*: o pêndulo, experimento físico-químico-semântico, serve para demonstrar a rotação da Terra se considerarmos o ponto de suspensão em que permanece fixo.

A concepção histórica e científica do Pêndulo até que foi compreendido, mas o propósito narrativo não. O problema é que Umberto Eco se apoia muito em documentos, registros históricos e (ir)realidades, diga-se de passagem. E é aí que surge uma pergunta: até que ponto os fatos verídicos apontados no livro validam a ficção? Compreender o *Pêndulo de Foucault* é uma tarefa que exige pesquisa e leitura além da obra, principalmente sobre a Cabala⁹. A experiência, comentada por Gadamer para constituir o círculo hermenêutico, neste caso mostrou-se insuficiente. A exemplo, os capítulos recebem os nomes: Keter, Hokmah, Binah, Hesed, Geburak, Tiferet, Nezah, Hod, Jesod e Malkut, que em hebraico significam respectivamente Coroa, Sabedoria, Entendimento, Ímpeto, Severidade, Beleza, Emoção, Glória, Árvore da vida cabalística e Reino Material¹⁰. Só então, a partir das reminiscências desses capítulos, é que é possível retornar para o prefácio onde Umberto Eco adianta que o enredo gira em torno do Plano desenvolvido por Belbo, Diotallevi e Causabon, editores e amigos que descobriram no ocultismo o “ramo de ouro”. O Plano está relacionado com o Pêndulo na medida em que Causabon se deslumbra com o experimento no museu Conservatoire, em Paris. No entanto, o desenrolar da história começa quando Jacobo Belbo é atingido e interrompido por algo no momento em que revela ao amigo a periculosidade do Plano. Em seguida, Causabon relembra a forma como conheceu o amigo, como também tenta descobrir, através da Abufalia¹¹, a senha do computador. Belbo, escritor e editor, possui uma produção intensa de filenames¹², na qual Causabon tem a sua compreensão limitada desse suporte em virtude do não

⁸ Na verdade o título do livro é em referência ao Jean Bernard León Foucault, físico francês, autor experimental do Pêndulo.

⁹ “A Cabala, para ele, é a religião da literatura” – FERNANDES, 2006, p. 50.

¹⁰ Domínio Público.

¹¹ Anagrama que contém letras e números a mais numa mesma letra. Os cálculos apresentados pelo narrador que permitem as tais permutas são imensuráveis.

¹² Constituintes de textos literários com mensagens secretas.

conhecimento prévio. Impressionante como o próprio enredo traz observações hermenêuticas, isto é, o limite do sim ou do não compreensível. No subcapítulo 5 de Hokmah, o narrador expressa sobre sua dúvida a respeito da Abufalia:

Mas não é o resultado que conta. É o processo, a fidelidade com que farás girar ao infinito o moinho da oração e da escritura, descobrindo a verdade pouco a pouco (...). E não sabiam, como tu não sabes – e nem sabe a tua máquina – que cada letra está ligada a um dos membros do corpo, e se deslocas uma consoante sem lhe conheceres o poder, uma de tuas articulações pode mudar de posição, ou natureza, ver-te-ás terrivelmente estropiado, pela vida inteira, e, em teu interior, por toda a eternidade. (ECO, 1989, p. 39).

O desafio agora é compreender o Plano; sabe-se, de antemão, que ele está relacionado com o Pêndulo, e que a ambição pelos Templários e outros conhecimentos ocultos une a amizade entre Belbo e Causabon. Porém, tanto o Pêndulo quanto o próprio Plano – os conflitos centrais da narração – são assuntos adiados. E o fato é até compreensível: em meio à tamanha contextualização histórica (apesar de que ela não seja dada com muita clareza para aqueles leitores que não tiveram uma formação satisfatória sobre ocultismo ou físico-filosófica), a descrição da ciência constante na obra, introduzindo imagens fílmicas à narração, ocorre também a ambientação humana, embora ela não tenha lugar de destaque na obra de Umberto Eco. O Plano, de acordo com as pressuposições interpretativas¹³, corresponde à fixação que Causabon, Belbo e Diotallevi tinham em relação aos Templários. Claro que durante minha atividade hermenêutica, sujeita aos preconceitos já referidos, se consolidou, em parte, somente com a leitura do seguinte trecho:

Os Templários entram sempre
Não é verdade o que se segue
Jesus foi crucificado sob Póncio Pilatos
O sábio Ormuz fundou no Egito a Rosa-Cruz
Há cabalistas em Provença
Quem se casou nas bodas de Caná?
Minnie é a noiva de Mickey
Só consegue
Se Os druidas veneravam as virgens negras
Então
Simão o Mago identifica a Sophia numa prostituta de Tiro

¹³ “A interpretação nunca é a captação sem pressupostos de algo previamente dado” (PALMER, 2006, p.140).

Quem se casou nas bodas de Caná?
Os Merovíngios se dizem reis por direito divino
Os Templários entram sempre. (ECO, 1989, p. 356).

Os versos foram resultantes de um programa chamado *output*, que refazia um texto baseado em novas combinações possíveis de frases já existentes a partir da quantidade de versos limites dados a eles. Em suma, a interpretação de Causabon sobre esse *output* é que Jesus naturalmente casou-se com Maria Madalena em Caná, e que posteriormente teve filhos. Apesar do ânimo da descoberta, a suposição é vista com descrédito por Diotallevi, devido ao fato da pré-existência de livros que já trazem do mistério do Graal. Em todo caso, os próximos capítulos representam uma evidente tentativa de comprovar essa interpretação para salvar o Plano, que “teve início porque havia se resignado a construir para si momentos fictícios” (ECO, 1989, p. 353). Ora, as *interpretações* a seguir e todo o envolvimento dos Rosa-cruzes são meras suposições a partir de manuscritos e referências históricas. Embora suspeitassem, levaram o Plano adiante, o que culminou em perseguição e por fim no desaparecimento de Belbo. Os filenames na Abufalia vão aos poucos revelando os últimos passos do personagem. O Plano centralizava seus envolvidos. Causabon, por exemplo, tentava esquecer-lo temporariamente, até mesmo em virtude da gravidez de Lia, sua companheira e uma das poucas figuras femininas que aparecem no romance. Porém, as suposições continuam após o nascimento de Giulio e se relacionam com o Pêndulo, que até então funcionava na narrativa com pouca ou nenhuma menção significativa. Mais uma vez o trio recorre a Abufalia, e adquirem o seguinte resultado:

Guillaume Postel morreu em 1581.
Bacon é visconde de Santo Albano.
O Pêndulo de Foucault está no Conservatoire.
Havia chegado o momento de se encontrar uma função para o Pêndulo. (ECO, 1989, p. 430).

Por mais que recorram à ligação do Pêndulo com o Plano numa perspectiva temporal e de lotação, o que se descobre mais adiante é que o Pêndulo – de acordo com as suposições ali desenvolvidas para reforçar as próprias teorias – possui uma relação muito mais simbólica que quaisquer outro experimento. O Plano, as investigações e as leituras eram bem mais obsessivas que fundadas em alguma verdade propriamente dita. O que leva, no fim, a Causabon exilar-se ao se dar

conta de todo o equívoco. As análises da história e da Abufalia, por mais que fossem fantásticas e fizessem algum sentido, sustinham apenas os próprios credores dos personagens, atendiam suas vontades de estarem inseridos numa realidade fantástica. O segredo, o Pêndulo e o Plano tinham suas relações, mas podiam ser, e foram, descartadas.

CONSIDERAÇÕES

Fazer um parágrafo final sobre a compreensão do Pêndulo de Foucault é redundante porque de acordo com a hermenêutica literária e o que vimos aqui até então seria fazer uma consideração sobre mim, a reforçar: o entendimento da obra só se concretiza quando tenho a partir dela a compreensão de mim mesma. Então, construir esse tópico seria entregar, sem a menor despretensão de causa, a conclusão subjetiva do Pêndulo. Tal assertiva parece ser simplória demais para a comunidade científica, e por isso encontrou resistência ao longo da história da Teoria Literária¹⁴. Porém as adversidades no âmbito da ciência sempre vão existir, e são elas justamente que contribuem para a afirmação (ou contraposição) da tradição literária. Em todo caso, a compreensão do Pêndulo se deu de maneira parcial: o conhecimento enciclopédico ali desenvolvido merece orientação prévia, visto que pertencem às ciências ocultas que deste lado do Ocidente, por questões culturais, não somos familiarizados. Outra observação é que provavelmente nenhum artigo daria conta dos remendos históricos realizados no corpo literário de Umberto Eco, seria preciso uma pesquisa mais aprofundada para que alguns aspectos não sejam aproveitados. Creio que obras assim como o *Pêndulo de Foucault* desafiam o leitor com hermetismo proposital e provocam a sensação de falta de *locus*, isto é, o abismo histórico e literário instituído pelo autor só se desfazem por meio de uma devida compreensão. O intuito, do presente artigo, é instigar possíveis discussões sobre: o que é, afinal, uma devida compreensão? Gadamer nos deixou um legado, mas Umberto Eco nos deixou outro, e em nenhum dos dois há uma receita de qual percurso percorrer para que essa compreensão de fato ocorra. Não seria, portanto, a personalidade leitora, aquela abstração longe das inferências científicas, a principal norteadora desse percurso?

¹⁴ “O atraso evidente da hermenêutica literária explica-se porque o processo hermenêutico foi reduzido apenas à explanação, porque nenhuma teoria da compreensão foi desenvolvida para textos de caráter estético, e porque a questão da ‘aplicabilidade’ foi relegada à crítica como não sendo científica” (LIMA, 1983, p.875).

REFERÊNCIAS

BIZOTTO, Bruno BERTUSSI, Lisana Teresinha. *Hans Robert Jauss e a hermenêutica literária*. Letrônica, Porto Alegre, v. 6, n. 2, p. 735 – 752, jul./ dez., 2013.

BORGES, Valdeci Rezende. *História e Literatura: Algumas Considerações*. Revista de Teoria da História Ano 1, Número 3, junho/ 2010. Universidade Federal de Goiás. ISSN: 2175-5892.

COSTA LIMA, Luiz. *Teoria da literatura em suas fontes*. Vol 1., 2 ed., Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1983.

ECO, Umberto Eco. *O pêndulo de Foucault*. Tradução: Ivo Barroso. 1ª ed, Editora Record: Rio de Janeiro – RJ, 1989.

FERNANDES, Bruno Loureiro. *Pós-escrito: Cabala e crítica em Umberto Eco*. Em Tese, Belo Horizonte, v.10, p.47-52, dez. 2006.

Introdução à Teoria da Literatura com Paul Fry de Yale. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=AkM1kgFBYX4&feature=share> Acesso 01.06.2016, às 15:00h.
Heidegger Human, All Too Human Full BBC Documentary. Disponível em: <http://canaldoensino.com.br/blog/documentarios-sobre-nietzsche-heidegger-e-sartre-que-voce-deveria-assistir> Acesso: 02.06.2016, às 20:00h.

JEFFA, Vilson J. *Interpretar não é compreender: um conceito preliminar sobre a interpretação do texto*. In: Vilson J. Jeffa; Aracy Ernest (Org). *Linguagens: metodologia de ensino e pesquisa*. Pelotas: Educat, 2012, p. 253-261.

LAWN, Chirs. *Compreender Gadamer*. Tradução: Hélio Magri Filho. 3ª ed – Petrópolis, RJ: Vozes, 2011 (Série Compreender).

LOPES, Marcos Carvalho. *Umberto Eco: da “Obra Aberta” para “Os limites da interpretação.* *Revista Redescrições* – Revista on line do GT de Pragmatismo e Filosofia Norte-Americana. Ano 1, Número 4, 2010.

PALMER, Richard. *Hermenêutica.* Tradução: Maria Luísa Ribeiro Ferreira. 1ª ed – Lisboa, 2006.

SAMUEL, Rogel. *Novo manual de teoria literária.* 4ª ed. Revista e ampliada – Petrópolis, RJ: Vozes, 2007.

STEIN, Ernildo. *Aproximações sobre Hermenêutica.* 2ª ed – Porto Alegre: EDIPUCRS, 2010. 115 p. – (Coleção Compreensão, 40).